

O AMANHÃ DA AMAZÔNIA É HOJE

**Diálogo para a construção de uma visão compartilhada
sobre o futuro e o desenvolvimento da maior reserva
de recursos naturais do planeta**

Museu do Amanhã – Rio de Janeiro – 2017

Foto Fernando Lessa

Visão geral

Em 5 de setembro, quando é comemorado o Dia da Amazônia, o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, foi palco de um debate que mobilizou diferentes atores para construir, juntos, uma visão comum sobre o futuro da Amazônia, em especial, sobre a bacia do Tapajós, onde está previsto um grande número de projetos de energia hidrelétrica e logística nos próximos anos.

O encontro “O Amanhã da Amazônia é Hoje” foi realizado conjuntamente pelo Banco Santander e pela The Nature Conservancy (TNC), organização global de conservação ambiental dedicada à preservação em grande escala das terras e água das quais a vida depende.

O evento contou com mais de 180 participantes de setores com interesses e visões diversos: empresários, pesquisadores, executivos dos setores financeiro, agronegócio e energia e representantes de organismos multilaterais e órgãos de fomento – como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) –, da Organização das Nações Unidas (ONU), do Ministério Público, dos povos indígenas e de ONGs que trabalham com o tema.

A reunião colocou em pauta o paradigma atual, que contrapõe os planos de expansão dos setores de infraestrutura, agronegócio e mineração aos planos das organizações que atuam

na conservação do bioma amazônico. A proposta: **construir coletivamente um modelo planejado e estratégico de desenvolvimento e conservação da Amazônia, a partir do conhecimento científico e tecnológico disponível.**

Durante a manhã, uma pauta inspiradora: Sergio Rial, presidente do Santander, convidou a sociedade a buscar soluções para o desenvolvimento sustentável da Amazônia; Luciano Evaristo, do Ibama, contou sobre as dificuldades e os avanços no controle do desmatamento e no imperativo da legalidade; Juan Carlos Castilla-Rubio, da SpaceTime Ventures, mostrou como é possível usar a ciência e a tecnologia para valorizar os ativos biológicos e biomiméticos da região, com a floresta em pé. Por fim, Roberto Rodrigues, do GV Agro, falou sobre o futuro do desenvolvimento do agronegócio na Amazônia.

No período da tarde, uma pauta prática sobre soluções para o desenvolvimento sustentável na região: Pedro Bara, da TNC, apresentou o Blueprint para o Tapajós, ferramenta que permite a visão integrada do território, na escala da bacia hidrográfica, e que pode ajudar na tomada de decisões de investimentos na região. O encontro encerrou com um debate em torno da Amazônia que queremos, liderado pela ex-ministra do Meio Ambiente Izabella Teixeira, com representantes de diferentes setores que ali atuam.

Dos pontos enfatizados nas discussões, coube destaque à necessidade de convergência entre os planos para a conser-

vação do bioma amazônico e a expansão de setores como os de infraestrutura, agronegócio e mineração. A construção e governança coletivas de um modelo planejado e estratégico de desenvolvimento com conservação reforçou a visão dos líderes sobre um novo paradigma para a expansão da região.

A seguir, você confere um resumo dessa discussão.





Sérgio Rial, presidente do Santander e membro do [Conselho de Conservação da América Latina \(LACC\)](#)

Transformação feita por todos

Falando sobre a urgência do envolvimento de toda a sociedade na busca de soluções para as questões da Amazônia, Sérgio Rial, presidente do Santander, apresentou duas propostas concretas para se avançar nessa direção. Uma delas é a criação de um fundo de investimento para a conservação ambiental financiado pelo consumidor. Essa é, segundo Rial, uma maneira de aproximar os brasileiros do tema.

Outra proposta é a instalação de um centro de excelência em pesquisa e educação na Amazônia, envolvendo a academia, instituições de pesquisa e de fomento, agentes financeiros e industriais, com o objetivo de transformar o conhecimento científico disponível em proteção ambiental, dentro de um modelo de desenvolvimento que seja sustentável e benéfico para a região.

Legalidade

Luciano Evaristo, diretor de proteção ambiental do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis), relatou os avanços e as dificuldades que o órgão enfrenta para fiscalizar e controlar o desmatamento e o garimpo ilegal na região.

Ele explicou como funciona o monitoramento à distância e as ações em campo para coibir esses crimes, em especial

nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163). As populações indígenas, segundo ele, têm sido importantes aliadas nesse trabalho.

Ele defendeu o combate à geração de crédito florestal fictício no sistema de licenciamento de planos de manejo florestal de madeireiras e a regularização fundiária das cerca de 400 áreas existentes ao longo da BR-163, que pertencem à união e foram ocupadas por grileiros. Como as terras não têm dono, não há formação de reserva legal ou de plano de manejo sustentável. **“A Amazônia do amanhã pressupõe a licitude, o cumprimento da legislação e um setor produtivo legalmente estabelecido na região”**, disse.



Luciano Evaristo, diretor de proteção ambiental do Ibama

Tecnologia

Juan Carlos Castilla-Rubio falou sobre uma terceira via de desenvolvimento para a Amazônia, que utilize as tecnologias da 4ª Revolução Industrial para valorizar os ativos biológicos e biomiméticos do bioma. Juan é presidente da Space Time Ventures e membro do Conselho Global de Recursos Naturais do Fórum Econômico Mundial.

Para mostrar o potencial dessa proposta, ele trouxe dados sobre o inventário global da biodiversidade, situando que dos 282 mil produtos químicos e materiais mapeados na terra e nos oceanos, entre mil e 10 mil puderam ser sintetizados pelo homem até o momento. **“A Amazônia representa de 15 a 25% de toda a biodiversidade terrestre do mundo e a cada três dias é descoberta uma nova espécie na região”**, afirmou.

Ele argumentou que essa terceira via para a Amazônia combina os ativos biológicos e biomiméticos do bioma com as tecnologias digitais, biológicas e materiais da 4ª Revolução Industrial para desenvolver um conjunto enorme de inovações que serão fundamentais para resolver desafios da humanidade em termos da energia, água, alimentos, mobilidade e saúde, entre outros.

A missão da iniciativa Terceira via para a Amazônia é dar visibilidade ao valor atual e ao valor futuro dos ati-

vos intelectuais do bioma amazônico para criar uma nova bio-economia inclusiva, que seja capaz de compartilhar os benefícios gerados por empresas e startups com as comunidades indígenas e tradicionais e com fundos para a preservação das florestas e dos ecossistemas amazônicos.

A biomimética é a área que estuda os princípios e estratégias da natureza para inspirar novas soluções em diferentes áreas. A partir da observação dos sistemas vivos e seus padrões matemáticos, funcionais e construtivos, entre outros, os cientistas trabalham para encontrar soluções sustentáveis para problemas como energia, água, alimentação, transporte, saúde e outras.



Juan Carlos Castilla-Rubio, presidente da Space Time Ventures



Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Estudos do Agronegócio da FGV

Produção com conservação

Convidado a falar sobre o futuro do desenvolvimento do agronegócio na Amazônia, Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e coordenador do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, apresentou um panorama mundial do setor e dados sobre a evolução da produção agrícola no Brasil.

O aumento da demanda mundial por alimentos e o crescimento populacional exigirá que a oferta continue a ser expandida. Nesse cenário, segundo ele, o país terá um papel de destaque. “O Brasil tem uma vocação natural para o agronegócio, mas a plataforma do país é a segurança alimentar global”, defendeu.

A realização desse papel, ponderou, passa por uma estratégia nacional baseada na agricultura familiar e na sustentabilidade, repensando as políticas públicas que, atualmente, influenciam a inovação tecnológica e a adoção de sistemas de produção agropecuária intensiva. **“A produção e a conservação podem caminhar lado a lado”**, afirmou.

Planejamento e gestão

Pedro Bara, gerente de infraestrutura da TNC Brasil, falou sobre a necessidade de construção de uma visão compartilhada de futuro para a bacia do Tapajós, como um caso de referência para se falar do futuro da Amazônia. Em sua apresentação, ele divulgou os principais dados do Blueprint Tapajós, uma espécie de “planta baixa” da bacia do rio Tapajós.

Nessa bacia se encontram áreas praticamente intocadas e territórios ocupados por comunidades indígenas e tradicionais, que convivem com o avanço dos setores de agronegócio, logística, energia e mineração, além de atividades ilegais e que degradam o meio ambiente.

Investimentos em infraestrutura planejados para a região incluem dezenas de hidrelétricas e sistemas de transporte que intensificariam o uso dos rios Tapajós e Amazonas como vias de navegação.

O estudo, guiado por critérios científicos, foi iniciado pela TNC em 2015 e sua elaboração teve dois componentes: um ecossistêmico, focado na conservação aquática, e outro biológico, que teve o Museu Paraense Emílio Goeldi como Instituição responsável.

A partir de um modelo digital da topografia local, foram identificadas quase mil microdrenagens por tipo de rio – de cabeceira, tributários (rios que deságuam em outros rios) e principais. Também foram mapeadas as variáveis físicas que determinam a biota aquática, o processo hidrológico em cada microdrenagem, além das ações humanas que se refletem no uso do solo e nas condições em que as microdrenagens se encontram.

Com base nesses dados, a bacia foi organizada em classes, de acordo com as características de cada rio e da região, criando-se um padrão de planejamento e de atuação de políticas públicas específicas, em especial, de conservação para áreas que têm um perfil ecossistêmico similar.

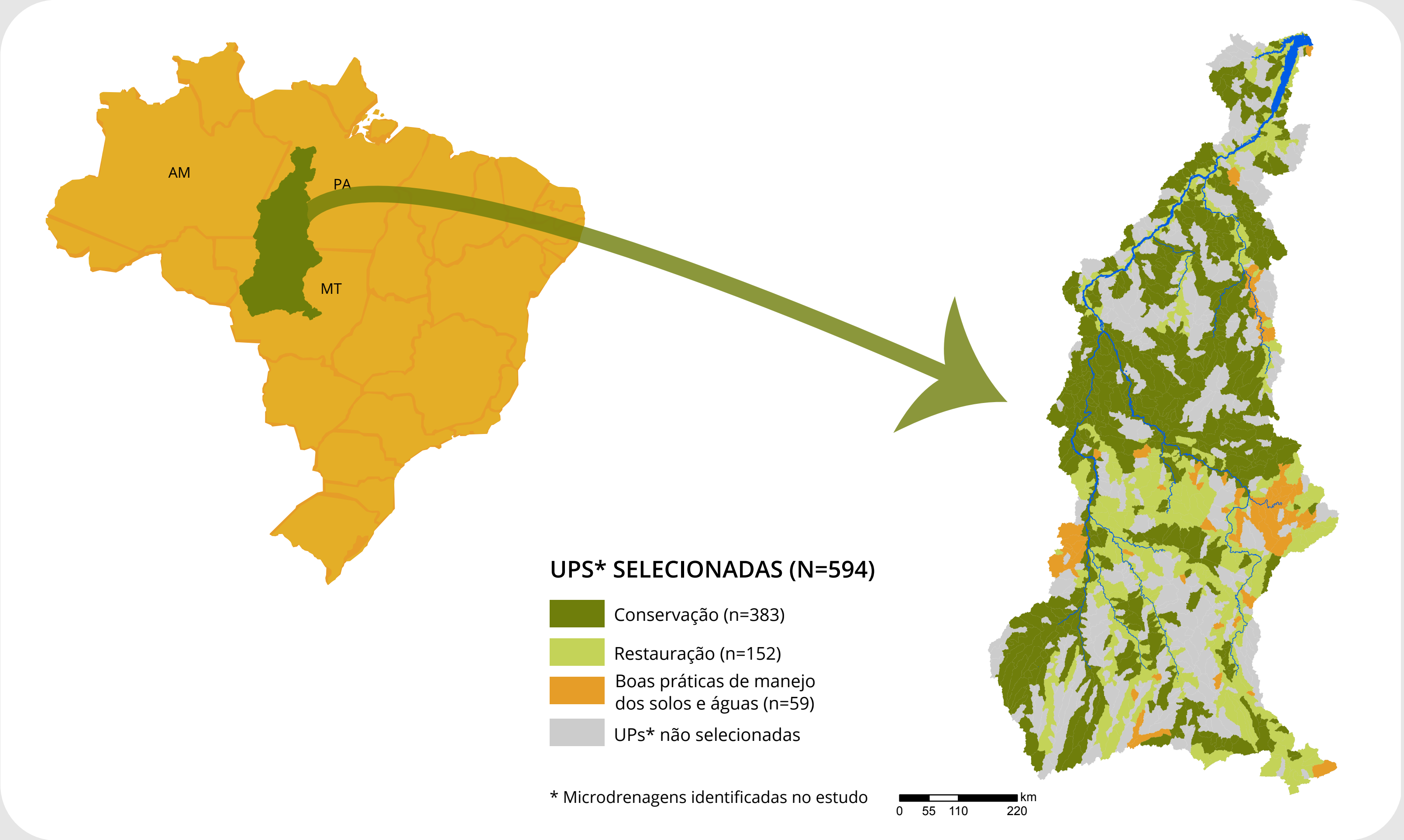
O estudo mostrou que, para que as espécies sejam mantidas e os processos hidrológicos, ecossistêmicos e biológicos da bacia do Tapajós sejam preservados no futuro, será necessário manter 20



Pedro Bara, gerente de infraestrutura da TNC Brasil

milhões de hectares em conservação, 75% dos quais já se encontram em áreas protegidas (unidades de conservação ou terras indígenas), além de restaurar áreas degradadas e adotar boas práticas de manejo da água e dos solos, em particular, pela atividade agropecuária. A ferramenta está disponível para o poder público e instituições de pesquisa para ser discutida e aprimorada. “Além disso, ela pode contribuir para qualificar o diálogo social de maneira a alcançar o equilíbrio entre a decisão econômica e o impacto socioambiental”, finalizou Pedro Bara.

A Planta baixa do Tapajós no estudo da TNC



Convergência

Encerrando o evento, a ex-ministra de Meio Ambiente, Izabella Teixeira, moderou um painel de debates que reuniu produtores rurais que atuam na Amazônia e representantes das comunidades indígenas, do setor de energia, da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau e da IFC (International Finance Corporation), membro do Grupo Banco Mundial para o setor privado.

Izabella Teixeira ressaltou a importância de pensar a Amazônia no contexto do Acordo de Paris, firmado durante a 21ª Conferência do Clima da ONU, em 2015, quando 195 países assumiram o compromisso reduzir suas emissões de gases de efeito estufa para que o aumento da temperatura média global da Terra se mantenha bem abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais.

O compromisso do Brasil é cortar suas emissões em 37% até 2025, com base em 2005, chegando a uma redução de 43% até 2030. **“Não dá para discutir a Amazônia sem discutir essa ambição e visão do futuro”,** disse a ex-ministra.

O Acordo de Paris, segundo ela, indica um rumo, porém, a transição não será linear. “Teremos que produzir, desenvolver e gerar emprego, com a consciência de que nossa geração determina o mundo que ficará para os jovens”.

Os participantes relataram suas experiências com as atividades produtivas na região e foram unâimes em defender o diálogo para construção de uma visão estratégica para os negócios na região.

Confira, a seguir, alguns depoimentos.



Da esquerda para a direita: Izabella Teixeira, Alexandre de Marco, Eduardo Bastos, Hector Gomez Ang, Arnaldo Jozef Eijnsink, Gil Maranhão Neto e Kleber Karipuna

O AMANHÃ DA AMAZÔNIA É HOJE

Diálogo para a construção de uma visão compartilhada sobre o futuro e o desenvolvimento da maior reserva de recursos naturais do planeta



“A gente consegue aumentar a produtividade com sistemas agroflorestais, expandindo a área de produção em pastagens degradadas, sem prejuízo à pecuária. Temos um passivo enorme de áreas degradadas na Amazônia e uma demanda mundial pelo cacau sustentável.”

Eduardo Bastos, diretor da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau



“Nosso papel é crescer e manter a mão de obra na terra, trabalhando com dignidade e qualificação, de maneira que essa atividade se traduza em um índice de desenvolvimento humano que concilie a atividade agrícola e a conservação”.

Alexandre de Marco, produtor de grãos na região do Cerrado, no Sul do Mato Grosso



“Uma abordagem territorial que leve em conta os impactos cumulativos é o ponto de partida e isso precisa ser feito por uma governança entre o setor público e o privado. O desafio é que ninguém faz, pois normalmente não há tempo ou dinheiro”.

Hector Gomez Ang, country manager, IFC Brasil



“As populações indígenas têm, tradicionalmente, se colocado em uma posição de enfrentamento quando o assunto é a implantação de projeto de infraestrutura ou outra atividade econômica na Amazônia. Mas isso começa a mudar. Juntos, em um diálogo aberto, desarmado e com propostas, podemos encontrar as respostas necessárias”.

Kleber Karipuna, liderança indígena da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira



“Quando chegamos ao local havia uma comunidade de assentamento desordenada, sem apoio, que explorava a madeira e lidava com a floresta de forma errada. Compramos aquela área malconduzida e, hoje, temos um grande projeto de pecuária que inclui a comunidade da região num raio de 500 quilômetros.”

Arnaldo Jozef Eijsink, produtor rural que atua dentro de um modelo sustentável



“O país está em uma curva de demanda de energia e desenvolvimento que, apesar da inserção de novas tecnologias na distribuição, ainda vai demandar um crescimento de grandes projetos centralizados. Temos vários exemplos que demonstram que o Brasil sabe fazer com que esses projetos sejam pivô de desenvolvimento local”.

Gil Maranhão Neto, executivo da Engie, geradora privada de energia hidrelétrica na região

santander.com.br/sustentabilidade
www.tnc.org.br

Texto: Casa Azul Conteúdo e Sustentabilidade. Layout: Simone Chacham.

Foto da capa: Fernando Lessa.

Fotos das páginas 2, 3, 4, 5, 6 e 8: Wallace Feitosa e Marcos Paulo dos Santos Fernandes.

Foto da página 7: Ricardo Suzuki.

Apoio



LATIN AMERICA
CONSERVATION
COUNCIL